

São João de Deus: Louco ou Santo?

por Ir. Aires Gameiro, sac.

Em Granada por 1537, os pobres doentes morriam de fome e frio nas ruas. Os sete hospitais e abrigos tinham a regra do *numerus clausus* por falta de camas e recursos. João era bom homem; ainda não santo de Deus. Vivia do seu negocinho de livros. Dava pouco pelos doentes da rua. Um dia foi ouvir o sermão doutro João, chamado “de Ávila”, santo “impuro” à época por mistura de sangue judeu. Pregou de tal modo Jesus Cristo sanador das feridas do pecado que João, o português de Montemor-o-Novo, começa a gritar que é mais pecador do que pensava. Não tem dúvidas. Corre pelas ruas a pedir misericórdia: “Senhor, misericórdia!” Dá todos os livros e roupa; penitencia-se com dureza, pede que o castiguem. É tido por louco e os rapazes logo se divertem. Durante muitos séculos os loucos serviam para isso.

Pessoas compadecidas levam-no ao pregador: era apenas penitente e louco por Cristo. Pouco convencidos levam-no ao manicómio real onde usam o método da garotada, agora para o curar, com chicotadas, a horas certas. Tudo isto é histórico. João queixa-se, não do que lhe fazem, mas dos maus tratos aos companheiros, “meus irmãos”. E João de Ávila manda um padre amigo visitá-lo para lhe assegurar a misericórdia de Deus. João começa a cuidar dos companheiros e a rezar: “Senhor, que eu possa ter um

hospital onde possa assistir bem estes infelizes como eles precisam”. E medita: “se pensássemos como Deus é misericordioso conosco, nunca deixaríamos de fazer o bem”. Deus era muito bom para ele, pecador.

Passadas semanas pediu alta e saiu com atestado de “cura”. Após muita oração a Nossa Senhora em Guadalupe e na catedral, João, só então, descobre os miseráveis a morrer nas ruas. Vejam: vivia em Granada há tempos e não os via. Como só agora os começa a ver? Porque o Senhor é bom para com ele, dá-lhe a luz do amor para os ver como irmãos. Acolhido pelo Pai misericordioso e curado por Jesus Cristo, recebe o dom de hospitalidade para acolher os doentes da rua.

Há diversos caminhos para santidade. João reconheceu-se pecador e perdoado, descobre-se irmão de pobres e pecadores a quem ama, perdoa e faz o bem. Os hospitais de Granada não tinham recursos, e ele? Alguém lhe paga um mês de renda de um barracão, abriga alguns doentes das ruas. Vêm outras ofertas; e ele grita pelas ruas: “quem quer fazer bem a si mesmo?” E muitos fazem, a si e aos pobres doentes. E João faz sempre mais bem. Num pequeno hospital, logo noutro maior que lhe comprem; e noutro ainda maior sem *numerus clausus*. Mas no seu coração os pobres são mais que as esmolas.